

A SERPENTE: DO DIFERENTE AO RECORRENTE EM NELSON RODRIGUES

Carla Emanuelle Sanches¹
Lilian Lima de Souza Wosch²
Luis Gabriel Venancio Sousa³
Rogério Tomaz⁴

RESUMO

Resumo: Esta pesquisa acadêmica propõe a análise da obra **A Serpente** (1980) do autor e dramaturgo Nelson Rodrigues. O principal objetivo da pesquisa é verificar na obra as características rodrigueanas recorrentes e, também, aquelas que a fazem diferente das demais peças escritas pelo autor, comprovando assim, sua importância literária para os cenários da literatura e da dramaturgia brasileira. Classificada como tragédia carioca, **A Serpente**, bem como outras obras desta fase do autor, caracterizam-se por uma maior aproximação com o público, seja por um olhar voltado ao social, apresentando situações corriqueiras do cotidiano urbano, seja pela sua tragicomicidade, seus aspectos melodramáticos. O primeiro capítulo apresenta um breve estudo sobre a origem do teatro, as características das clássicas tragédias gregas e dos elementos que as compõem, a fim de traçar um comparativo com as tragédias modernas rodrigueanas. Também comenta-se sobre a diferença dos termos “tragédia”, como gênero literário, e “trágico”, como princípio presente nas tragédias. Adiante, adentra-se na análise específica de **A Serpente**, focando nos aspectos peculiares do enredo, da linguagem, dos diálogos, das rubricas e da formação das personagens.

Palavras-chaves: Nelson Rodrigues. A Serpente. Tragédias Cariocas. Diferente. Recorrente.

¹ Estudante Acadêmica do curso de Letras Português Inglês, FAE Centro Universitário, Curitiba, Paraná, Brasil. *E-mail:* carlasanches052@gmail.com.

² Estudante Acadêmica do curso de Letras Português Inglês, FAE Centro Universitário, Curitiba, Paraná, Brasil. *E-mail:* lilimawosch@ig.com.br.

³ Estudante Acadêmico do curso de Letras Português Inglês, FAE Centro Universitário, Curitiba, Paraná, Brasil. *E-mail:* luygabryel@gmail.com.

⁴ Professor Mestre e Coordenador do Curso de Letras da FAE Centro Universitário. *E-mail:* rogerio.tomaz@bomjesus.br.

INTRODUÇÃO

Entre as décadas de 1940 e 1960, a literatura brasileira assumia uma posição de destaque no cenário literário por nomes de escritores célebres como Clarice Lispector, Jorge Amado, Antonio Callado, João Ubaldo Ribeiro, Dias Gomes e Ariano Suassuna. É neste cenário que também se torna conhecido o nome de Nelson Falcão Rodrigues, um dos maiores dramaturgos brasileiros.

O enunciado revolucionário da dramaturgia de Rodrigues era observado por muitos espectadores e leitores como verdadeiras perversões. Talvez pelo relato da sociedade brasileira desmistificada em suas intimidades mais profundas.

“Conhecido por seu caráter transgressor e quase sempre audacioso, Rodrigues inseriu em suas obras elementos instigantes que as qualificaram involuntariamente como polêmicas” (TOMAZ, 2005, p.12). As obras rodrigueanas apresentam forte caráter popular, nas quais assassinatos, suicídios, traições e violações à moral da época são os principais ingredientes.

O dramaturgo revolucionou a estética teatral brasileira. A linguagem simples do cotidiano, a crítica aos “vícios” da sociedade, em especial, da classe média, atraíram a atenção das diversas classes sociais e abriram espaço para que o país conhecesse as temáticas polêmicas exploradas e apresentadas nos textos rodrigueanos. Segundo Rogério Tomaz (2005, p. 40), “um fato é incontestável: a dramaturgia rodrigueana marca o início do teatro brasileiro moderno e faz com que Nelson Rodrigues assine seu nome no rol dos grandes escritores da literatura brasileira”.

Nesse contexto, pretende-se, nesta pesquisa acadêmica, analisar as características comuns rodrigueanas em “A Serpente” e aquelas que a tornam única, comprovando que ela também foi referência na carreira de Nelson Rodrigues e para o cenário literário e da dramaturgia brasileira.

1 A SERPENTE

“A Serpente” aborda a história de duas irmãs da classe média carioca que se casam no mesmo dia e vão morar no mesmo apartamento com seus respectivos maridos.

A personagem Lígia, após um ano de casada, virgem, e sem relação sexual com o marido, ameaça se jogar do alto do prédio. Divorcia-se e continua morando com a irmã, Guida, e seu cunhado, Paulo. Guida, nutrindo a paixão pela irmã, oferece o próprio marido para ter uma noite com Lígia. O ato solucionaria diversos desejos: por meio do marido supriria a vontade que tinha de se relacionar com Lígia, além de satisfazer os desejos carnavais de irmã, impedindo-a de se matar, além de se desvirginar.

Depois da noite de sexo entre Lígia e Paulo, Guida é tomada pelo ciúme e começa a desconfiar do marido e da irmã. Passando, portanto, a evitar encontros entre os dois. Persegue-os, proíbe conversas e impede a saída deles no mesmo horário. Por outro lado, em Paulo é despertado um desejo incomum por Lígia, há uma forte atração pela cunhada e o conseqüente desinteresse pela esposa, o que ajuda a alimentar as desconfianças e o ciúme. Lígia, então, apaixona-se por Paulo.

Todos esses elementos presentes no enredo da trama, o ciúme, a obsessão sexual, a traição, o incesto, a família, a religião e a morte, surgem na vida dos três personagens que vivem um “triângulo amoroso”, numa época em que a sociedade tinha repulsa de acontecimentos como esses e costumava mascará-los.

As brigas entre as personagens e a tríade de desejos entre eles direciona o enredo para o fim trágico, a morte de Guida. Paulo sentindo-se sufocado, decide matar a esposa, atirando-a do décimo andar do prédio onde moravam, a fim de poder relacionar-se livremente com Lígia. Porém, a cunhada fica chocada com a morte da irmã e decide acusar Paulo pelo assassinato.

Aristóteles em sua Poética (2010, p. 35), afirma que “o infortúnio vivenciado pelo herói trágico está sujeito às conseqüências de suas ações.” Assim, o fim é trágico para os três. Paulo, Guida e Lígia sofreram as conseqüências ocasionadas pelas suas ações impulsivas.

2 ANÁLISE DA TRAMA

Em “A Serpente”, publicada em 1978, Nelson Rodrigues optou por escrever todo o enredo em apenas um ato, diferindo-a de todas as outras peças que já publicou. Essa forma estrutural do texto, por si só, torna-se o principal diferencial desta tragédia, uma vez que a estrutura da tragédia grega e as outras peças feitas por Nelson Rodrigues contêm três ou mais atos.

Para Magaldi (2004, p. 174), uma das possíveis explicações para que a peça tenha sido escrita com “pouco texto” seria a crise de saúde pela qual o dramaturgo passava. Nessa hipótese, pode ter faltado energia física para Nelson Rodrigues se dedicar à construção da obra, pois a publicação de “A Serpente” era um projeto antigo do escritor e poderia ser a última oportunidade de concretizá-la.

O Anjo Pornográfico⁵, como ficou conhecido, tinha o objetivo de escrever sua última peça de outra maneira, como afirma o próprio autor, Rodrigues (2013) “Minha ideia era uma peça em nove atos, divididos em três por dia. A peça inteira levaria três dias”.

⁵ Apelido dado a Nelson Rodrigues pelas abordagens sexuais polêmicas em suas histórias.

Nesta última peça, o autor voltava a abordar as principais características de sua obra: os problemas familiares, o incesto, o sexo, a morte, a traição, o diálogo como primordial para o desenrolar da história, o cenário sem ser o foco principal, o *kitsch*, a catarse do leitor/espectador e outras.

Conforme explica Medeiros (2005, p. 37), “ao mesmo tempo em que revela as mínimas imperfeições da sociedade, fazendo das peças um “espelho deformador” dela, o dramaturgo ironiza tais acontecimentos, torna cômico as tragédias do cotidiano social, levando-as ao extremo”. Em “A Serpente”, Nelson Rodrigues expõe a verdade grotesca, implícita devido aos paradigmas sociais, fazendo o público rir das situações abordadas.

O cômico pode ser percebido, principalmente, nos diálogos. Como na cena em que Lígia descreve como perdeu a virgindade sem o marido: “Lígia – (...) Tão feliz, que tive que me deflorar com um lápis” (RODRIGUES, 2004, p. 31).

Essa comicidade caracterizada em qualquer que seja o segmento da arte, é denominada *kitsch*. Ele faz o original ter similares, o “chique” ser brega, o rico ser pobre e os sentimentos implícitos serem revelados. Os personagens de Nelson Rodrigues são ótimos exemplos de *kitsch*. O cômico e o grotesco presentes em algumas cenas e os desejos que os personagens só revelam quando não conseguem mais esconder, fazem o leitores e espectadores terem a dimensão do cultural ou não cultural e do verdadeiro e do falso de cada personagem. Os desejos de traição, de morte e de se libertar são algumas das características que podem ser citadas.

Como o dramaturgo escreveu peças maiores, com textos longos, foi surpreendente para o leitor/espectador ver a última peça em apenas um ato, encenada em pouco mais de uma hora. Assim, além de um texto tão rápido, há quem teve a impressão de uma peça precipitada, encenada com pressa, rapidez e sem detalhes. Para Fraga (1998, p. 194), foi exatamente isso que aparentou a última peça do dramaturgo. Segundo o teórico, “escrita por outro, louvaríamos as qualidades evidentes. Não é má, tem vigor, mas dá atenção, não de premência, mas de afogadilho” (FRAGA, 1998, p. 194).

Em “A Serpente”, como afirma Aguiar (2012, p. 47) “o que é novo é o tom completamente descarnado a que ele chegou, como que reduzindo a ação a seu esqueleto básico”, ou seja, a grande inovação da trama é o texto curto e os diálogos rápidos.

Por fim, “A Serpente” mostra de fato o que é a típica tragédia de Nelson Rodrigues, não tragédia no sentido de catástrofe ou desgraça, mas no sentido de terminar em um acontecimento funesto, na qual a morte mais uma vez surge como a solução das narrativas do dramaturgo, nesse caso para Guida, Lígia e Paulo.

A morte também é a saída/remédio para os problemas em outras peças do dramaturgo, como em “O Beijo no Asfalto”, por exemplo, em que Aprígio mata Arandir para se livrar do amor que tinha pelo genro.

3 A LINGUAGEM

Muito do sucesso das peças rodrigueanas, se dá por causa da linguagem simples para compreensão do leitor/espectador, que se encantaram com as temáticas polêmicas exploradas e apresentadas nos textos de Nelson Rodrigues.

O enunciado revolucionário da dramaturgia de Nelson Rodrigues era observado por muitos como verdadeiras perversões. Consideravam-no louco. O motivo? O relato da sociedade brasileira desmistificada em suas intimidades mais profundas.

Expressões populares trouxeram a informalidade e a linguagem do povo para o palco, fortalecendo a característica de Nelson Rodrigues quanto à inovação da Língua no teatro brasileiro.

Uma das características desses diálogos são as brigas contínuas e a simplicidade nas palavras, remetendo ao mais cotidiano possível; desse modo, o espectador da época curvava-se na cadeira vendo histórias e atitudes dos personagens que eles mesmos sentiam, mas que, com o dramaturgo, tornavam-se explícitas para a sociedade farsante e reprimida.

A dramaturgia rodrigueana optou em focar no diálogo das personagens e na linguagem nua e crua do dia a dia. Porém, “essa forma de linguagem não era bem aceita pela crítica, ainda influenciada pelos moldes de um teatro mais eloquente e poético” (BOAVISTA, 2012).

A crítica julgava que colocar diálogo do cotidiano no teatro era pobre, a linguagem tinha que ser baseada nos padrões europeus, com vocabulário formal e palavras tidas como “bonitas” e vistosas. Porém, o público sentia-se mais à vontade ouvindo, nas cenas, palavras utilizadas nos diálogos diariamente

Outra grande inovação e característica das peças de Nelson Rodrigues são as grandes rubricas⁶ explicativas contendo uma longa descrição para o desenvolvimento da cena. Por meio delas, os atores conseguiam concentrar mais ainda a intensidade da cena juntamente com os diálogos. Em “O Beijo no Asfalto”, por exemplo, é essencial para o leitor conseguir compreender o enredo da história.

Entretanto, em “A Serpente”, essas rubricas não são tão longas, fugindo completamente do estilo das outras feitas por Rodrigues. Contudo, não deixam de ter sua importância no desenrolar da trama. Na rubrica que antecede a morte de Guida, percebe-se tamanha relevância da observação textual para compreensão do leitor e encenação do ator: Paulo a solta e empurra. Grito de Guida. Lígia bate na porta. Ele vai abrir. Entra Lígia. (RODRIGUES, 2012, p. 42).

⁶ A palavra “rubrica” vem do fato de que nos antigos missais as descrições de como os assistentes ou oficiais deviam se portar (em pé, sentados, de joelhos etc.) eram feitas com tinta vermelha, rubra. O conjunto de rubricas se chama didascália.

Não diferente das demais tragédias de Nelson Rodrigues, “A Serpente” tem o diálogo entre as personagens como enfoque principal para deter a atenção do leitor/espectador e fazer a narrativa ser compreendida. Assim, relata Ribeiro (2004, p. 281) “a dramaturgia rodrigueana é uma dramaturgia de palavras e não de ação, de diálogo e não de cenários e roupas vistosas”.

Se ao chegar ao teatro o espectador se deparava com cenários vistosos, esplendorosos e figurinos luxuosos, ricos e caros. Com Nelson Rodrigues era diferente. “A partir do momento em que a cortina se abre para começar o espetáculo, os acontecimentos se precipitam de modo vertiginoso” (AGUIAR, 2012, p. 47). Logo, o figurino e o cenário estavam em segundo plano. Eram simples e, na opinião de alguns, pobres. O dramaturgo não se importava com o *glamour* das roupas dos atores.

4 TÍTULO

Para uma possível interpretação que visa explicar a escolha do título por Nelson Rodrigues, torna-se relevante analisar alguns trechos do livro mais antigo da humanidade, a Bíblia.

Gênesis é o primeiro livro da Bíblia hebraica e cristã. Nele, há uma visão mitológica da criação do mundo, por meio do Jardim do Éden e dos primeiros humanos que Deus criou para habitar este ambiente: Adão e Eva.

O Jardim do Éden foi a primeira criação de Deus, repleto de plantas, animais, árvores frutíferas, além de outros diversos itens para uma boa sobrevivência e conforto. Era considerado o verdadeiro paraíso, onde tudo era perfeito. Em seguida, Deus criou o homem, Adão, e da costela deste fez a mulher, Eva. Então ordenou que ambos poderiam comer qualquer fruto do Jardim do Éden, exceto o fruto⁷ da árvore do conhecimento.

Dentre os animais que ali habitavam havia a serpente, considerada o animal mais astuto. Ela convenceu Eva a comer o fruto proibido, dizendo-lhe que não morreriam ao se alimentar, e que o alimento a tornaria como Deus. Eva tentou resistir, porém, caiu em tentação, comeu o fruto e, ainda, ofereceu a Adão que, por sua vez, também, ingeriu o pecado. Depois de se entregarem ao pecado, mesmo enganados, os habitantes do paraíso percebem que estavam nus e se cobriram com folhas de figueira, como uma espécie de vestimenta, e se esconderam de Deus. Daí o surgimento e a primeira comprovação do ato de sentir vergonha.

⁷ O fruto da árvore do conhecimento é a maçã. Segundo a Bíblia, era proibido comer desse alimento. Foi a primeira lei estabelecida entre a humanidade, a única restrição de Deus para que Adão e Eva vivessem no jardim do Éden.

Deus lhes pergunta, após a desobediência de sua ordem, o que fizeram, e, ao ouvir a resposta reprovadora, amaldiçoou-os e os expulsou do paraíso.

Dessa história, pode-se concluir que Adão e Eva infringiram a moral. Segundo o dicionário Houaiss (2009, p. 513), moral é “o conjunto de regras de conduta desejáveis num grupo social, aparte que trata dos costumes, dos deveres e do modo de proceder dos homens nas relações com os seus semelhantes, leis da honestidade e do pudor”. Portanto, para que se viva em harmonia e de maneira humana é necessário estabelecer leis, para que as coisas não virem um caos. Sendo assim, a proibição de não comer o fruto da árvore do conhecimento que Deus colocou, foi uma das primeiras leis criadas. Esta metáfora bíblica leva à reflexão sobre convivência e cumprimento de regras.

No título da obra foco desta pesquisa acadêmica está presente a intertextualidade em relação à serpente bíblica. Enquanto que, na Bíblia, o pecado é apresentado por meio da própria serpente, no enredo de Nelson Rodrigues, ela é representada por Guida no momento em que ela oferece o fruto, sexo com seu marido Paulo, à sua irmã Lígia.

Guida, na tentativa de se livrar do pecado do desejo pela sua irmã, supostamente tido como incesto, oferece a ela uma noite de sexo, a fim de livrá-la da morte. Depois do ato sexual consumado, Lígia vê o grande pecado e o absurdo que cometeu. No trecho a seguir, percebe-se o momento em que ela revela o conflito psicológico proveniente após transar com o cunhado e não cometer o suicídio. A moralidade dela é atingida e Lígia, sente-se imparcial diante da vida e viver já se sabe se é prioridade.

Paulo assemelha-se a Adão, pois aceita comer o fruto, neste caso, o sexo com a cunhada. Não há questionamento, não há preocupação com o ato. Não importa se está cometendo uma “aberração” quanto às leis de Deus e contra à moral.

Depois de Lígia, Guida e Paulo terem infringido as leis de Deus e da moral, todos sofrem suas “penitências”. Os três têm um final trágico na obra: Guida, a morte. Paulo, provavelmente a prisão, pois Lígia o acusa pelo assassinato de sua irmã. Lígia, o fim do relacionamento com Paulo e o sofrimento pela morte de Guida.

5 ANÁLISE DOS PERSONAGENS

Guida é uma das personagens centrais da trama, pode ser considerada tanto inocente quanto culpada pelo desfecho da tragédia. O sexo é o ponto central da trama que corrompe e põe em conflito as personagens principais da obra. Conforme afirma Medeiros (2005, p. 15), “as personagens são corrompidas e corrompem. O sexo é apresentado como causa de perturbação”

Guida se aproveita do desespero e da frustração da irmã por causa da separação, além da decepção por não perder a virgindade, e, tirando proveito, mas, ao mesmo tempo, precisando salvar a vida da divorciada, uma vez que ela quer se matar, Guida junta a necessidade de ambas e oferece o próprio marido para consumir o ato sexual com Lígia. Através disso, ela supre seu amor incestuoso.

Guida com seu conflito psicológico de sentimentos, certa vez sugeriu à Lígia para que morressem juntas – uma típica prova de amor em Nelson Rodrigues –, mas havia algo além do amor fraternal, os sentimentos amoroso e incestuoso se transformaram em ciúme e ódio, após o marido ter relações com Lígia. O ciúme de Guida torna-se tão extremo que ela ameaça matar um dos dois, Lígia ou Paulo, a fim de se libertar do que sentia.

Em um fim trágico, fica perceptível que Guida é a única responsável pelo fim de sua vida e destruição de seu casamento. Pelo egoísmo de suprir sua vontade diante da irmã, oferecendo o próprio marido sem medir as consequências que acarretariam tal ato, Guida tem a morte como o desfecho crucial de sua história impulsiva, egoísta.

Já Lígia é outra integrante dos personagens principais. Por meio dela, o desenrolar da história acontece. Após o divórcio com Décio, ameaça se suicidar por sair de um casamento frustrado no qual, após um ano de matrimônio, ainda se mantém virgem. Porém, preocupada com a possibilidade de não se casar⁸ outra vez, e de não perder sua virgindade, a ela é ofertado o cunhado, Paulo, com o intuito de suprir a necessidade física que a levaria a uma suposta tentativa de morte.

Incomodada com a felicidade do sucesso do casamento de Guida, Lígia desperta um sentimento incontrolável de inveja da irmã.

Por causa da inveja, e após ouvir diversas vezes os gemidos da irmã durante as relações sexuais, torna-se infeliz por não ter uma vida sexual ativa e não se sentir desejada pelo próprio marido. Calculadamente, deixa nas falas sua vontade implícita de felicidade, ou seja, sexo; passando a responsabilidade de seus atos para as decisões da irmã. Através disso, tanto a morte dela, quanto o fato de ser feliz e perder a virgindade, seria de cunho de Guida.

Depois de perder a virgindade com Paulo, e suprir o seu maior desejo, Lígia não se preocupa mais com o que a vida pode lhe propor. Ela mesma descreve: “o que senti foi tudo – a vida e a morte. Agora posso viver e posso morrer” (RODRIGUES, 2012, p. 21).

Lígia e Paulo se apaixonam. A relação entre os dois passa de cunhados a amantes. Mesmo com Décio a procurando para reatarem o casamento, ela se recusa, pois já

⁸ Na época em que se passa a história, décadas de 1940/1970, a mulher divorciada não era vista como uma pessoa de família. Era julgada por não ter sido uma boa esposa e conseguir um outro relacionamento, era muito mais complicado e aceito. Namorar uma mulher separada poderia prejudicar o homem até mesmo na sua carreira profissional.

estava entregue ao sentimento com Paulo. Porém, não aceita ser amante e sugere, implicitamente, que ele mate Guida para que possam ficar juntos: “Meu anjo, eu morreria mil vezes contigo. Mas se alguém tem de morrer, você sabe quem é? É Guida e não eu” (RODRIGUES, 2012, p. 35).

Quando tem a certeza da morte de Guida por Paulo e as consequências que ela pode trazer à sua vida, Lígia se arrepende. Em um momento epifânico, desprende-se de seu amor pelo cunhado e amante, e grita, entregando-o como “assassino”.

Paulo, marido de Guida, é envolvido em um triângulo amoroso pela própria esposa e cunhada. Aceita o pedido de sua mulher para tirar a virgindade de Lígia. Mas acaba se apaixonando pela cunhada, perdendo a atração por sua esposa.

A morte, presente em todas as peças de Nelson Rodrigues, é consumada no desfecho da trama por Paulo, ele é o assassino da própria esposa. Como típica prova de amor de Nelson Rodrigues em que os personagens sugerem que morram juntos, em “A Serpente”, Paulo sugere a Lígia que eles morram juntos, mas também, que Lígia mate a irmã para que eles possam ficar livres e viver o amor que surgiu após a relação que o tornou cunhado e amante.

Entretanto, ele é o responsável pela morte de Guida, empurrando-a pela janela do décimo andar do prédio onde moravam, com o intuito de ter caminho livre para viver com seu novo amor: Lígia.

Paulo surpreende-se quando Lígia, ao saber da morte da irmã, grita revelando-o como o assassino.

Décio é casado com Lígia há um ano, ele não teve relação sexual com a esposa, o que contribui consideravelmente para o divórcio do casal.

Percebe-se já na primeira cena da trama a característica violenta do personagem, por causa da sua reação diante à impotência sexual. Ao se divorciar, sente medo de como a sociedade pode julgá-lo por não conseguir transar com a esposa, fica agressivo e a agride. Assim, reverte a humilhação utilizando de termos pejorativos, chamando-a de “puta”, além de agredi-la fisicamente.

Subentende-se que um dos motivos pelo qual Décio não tem relação sexual com a esposa, seja a homossexualidade. Abordada em um dos diálogos entre Lígia e Guida, após o divórcio.

O sexo, nesta época, é o que dita a masculinidade ou não de um homem. Sendo assim, o fato de sua virgindade e o medo de ser visto como homossexual, pode ser a explicação para a agressividade de Décio. Porém, após conseguir perder a virgindade com a Crioula, ele torna-se calmo e tenta reatar com Lígia, sem sucesso.

Crioula é a personagem que só aparece na história como a “negra das vendas triunfais”. Com ela, Décio perde sua virgindade e comprova que não tem “impotência sexual”. Apresenta-se na peça como mero objeto sexual. Este fato remete ao período dos senhores de engenho que mantinham relações sexuais com suas escravas. “Ela é a única personagem na peça que não sente o peso da morte” (RODRIGUES, 2012, p. 95).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após analisar e mencionar as relevantes características da peça “A Serpente”, pode-se perceber que ela tem sua importância literária e deveria ter maior reconhecimento dentre as outras tramas de Nelson Rodrigues.

A dramaturgia analisada nesta pesquisa acadêmica aborda características que são recorrentes nas peças rodrigueanas, além de conter outras especificamente dela, ou seja, não fugindo do ciclo de “amor+desejo+sexo+punição+morte”, mas ao mesmo tempo com uma linguagem, estrutura textual e abordagem temática que não foram utilizadas em outros enredos de Rodrigues.

Por estar acostumado a esperar sempre um pouco mais das peças de Nelson Rodrigues, o leitor/espectador se deparava com uma peça que fugia às recorrentes características do dramaturgo, o que ocasionou em diversas críticas. Alguns acharam a peça curta, o texto pobre e questionavam que era um enredo aquém da competência do Anjo Pornográfico.

Contudo, “A Serpente” tem um diferencial maior do que as simples características presentes na dramaturgia de Nelson Rodrigues, a começar pela estrutura textual em apenas um ato, vista com decepção por alguns. Como comenta Fraga (1998, p. 194) “escrita por outro, louvaríamos as qualidades evidentes. Não é má, tem vigor, mas dá atenção, não de premência, mas de afogadilho”.

A peça em apenas um ato é uma das grandes inovações dessa trama, pois fecha um ciclo do teatro de Nelson Rodrigues com mais uma grande inovação, já que se esperavam enredos escritos em dois ou três atos, como o habitual. Logo, isso torna “A Serpente” como a única peça escrita com “pouco texto”, o que não significa um termo pejorativo, mas sim, uma expressão de riqueza, pela objetividade dos diálogos. “A final, o dramaturgo conseguiu desenvolver através do diálogo convulso, direto e vertiginoso algo que não permite a reflexão ao espectador. Só depois de tudo acabado é que podemos nos perguntar perplexos: mas afinal, o que aconteceu?” (AGUIAR, 2012. p. 48).

O mesmo Aguiar (2012, p. 47), ainda afirma que “a partir do momento em que a cortina se abre para começar o espetáculo, os acontecimentos se precipitam de modo vertiginoso”, ou seja, “A Serpente” não permite interpretação no decorrer da história, só

após o final é que o leitor/espectador vai poder fazer suas reflexões. Para Aguiar (2012, p. 48), “o texto em seu minimalismo de recursos, equivale a um poema dramático, e permanece aberto a muitas interpretações”. A diferença em proporcionar ao leitor/espectador a sua própria interpretação no final, ressalta mais uma das características que a enriquece e inova as recorrências de Nelson Rodrigues.

A catarse do leitor/espectador nessa peça pode ser mais presente, uma vez que o enredo é muito próximo à realidade da sociedade, ou seja, não é um enredo ficcional, é uma história fatídica. Assim como a linguagem utilizada. Se em outras peças do dramaturgo ele utiliza a linguagem coloquial, na dramaturgia analisada, a linguagem torna-se mais coloquial ainda, isto é, a linguagem é mais urbana, o que a diferencia linguisticamente das outras recorrentes características até então.

Percebe-se então que até mesmo as rubricas, com tamanha importância para a compreensão da leitura/encenação tem a sua peculiaridade nessa trama. Elas são pequenas, mas, mesmo assim, com grande interferência para entendimento do enredo. Sendo assim, ao mesmo tempo em que ela se engloba nas recorrências típicas de Nelson Rodrigues, ela mais uma vez se torna item de inovação com pouco texto, semelhante à estrutura textual em um ato.

Mesmo com tantas diferenças tão relevantes para se estudar Nelson Rodrigues, a peça ainda não tem tamanho reconhecimento literário, nem tantas montagens para encenações nos teatros.

Uma das explicações para “A Serpente” não ter a mesma popularidade de outras peças, pode ser a demora que ela teve para ser transformada de “ideia” para uma “peça de teatro” de fato. Talvez se “A Serpente” tivesse sido a primeira peça publicada/encenada assim que Nelson Rodrigues teve a ideia do enredo, a trama teria um impacto maior no meio literário. Pois a demora de cerca de 40 anos para publicação fez com que temas como a traição, a morte, o sexo, entre outras, já não fosse mais tão chocante quanto às primeiras feitas pelo autor. A sociedade já não tinha mais a “timidez” de antes e já tinha se acostumado a lidar com os temas polêmicos do dramaturgo.

Entretanto, as diferentes características ditas, mostram que ao se analisar Nelson Rodrigues, torna-se relevante o estudo e aprofundamento de “A Serpente”.

Portanto, conclui-se que “A Serpente”, além de conter todas as características das outras peças de Nelson Rodrigues, tem suas particulares que a diferencia de qualquer que seja a classificação feita por Magaldi, pois ela vai além da típica tragédia rodrigueana, englobando tudo o que o dramaturgo já tinha feito e traz em apenas um só ato, a inovação da linguagem e do diálogo objetivo, além do desenlace iniciado em 1940 e finalizado, bem mais tarde, em 1970.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Flávio. **A serpente**: peça em um ato; roteiro de leitura e notas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

ALENCAR, Valéria Peixoto de. Teatro grego: Diferenças entre comédia e tragédia. <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/artes/teatro-grego-diferencas-entre-comedia-e-tragedia.htm>>. Acesso em: 01/05/2013)

ARISTÓTELES. **Arte poética**. São Paulo: Martin Claret, 2010.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução: Centro Bíblico Católico. 34. ed rev. São Paulo: Ave Maria, 1982.

BOAVISTA, Cristina. **Nelson Rodrigues e o teatro do desagradável**: um olhar simbólico sobre a vida e obra do autor. Disponível em: http://www.jung-rj.com.br/artigos/nelson_rodrigues_e_o_teatro_do_desagradavel.htm. Acesso em 02. dez. 2012.

BRANDÃO, A. F. **O teatro desagradável de Nelson Rodrigues**. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2006. 245 fl. Tese de Doutorado em Literatura Comparada.

CASTRO, Ruy. **O Anjo Pornográfico**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FRAGA, Eudinyr. **NELSON RODRIGUES EXPRESSIONISTA**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

MAGALDI, Sábato. **Teatro da obsessão**: Nelson Rodrigues. São Paulo: Global, 2004.

MAGALDI, Sábato. **Panorama do Teatro Brasileiro**. São Paulo: Difel, 1962.

MEDEIROS, Elen de. **Nelson Rodrigues e as Tragédias Cariocas**: um estudo das personagens. São Paulo: UNICAMP, 2005.

Revista signos do consumo. V.2. N.1, 2010. P. 53-66

PAVIS, Patrice. **Dicionário de teatro/ Patrice Pavis**: Tradução para a língua portuguesa sob a direção de J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

RODRIGUES, Nelson. **A serpente**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

RODRIGUES, Nelson. **Nelson Rodrigues**: teatro completo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004. V.1.

RODRIGUES, Nelson. **Nelson Rodrigues**: teatro completo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004. V.4.

RODRIGUES, SÔNIA. **Nelson Rodrigues por ele mesmo**. 1 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

RODRIGUES, Nelson. <http://www.nelsonrodrigues.com.br/site/comnelson_det.php?id=7>
Acesso em 19/05/2013 – entrevista Jornal da Tarde> Acesso em 31/ 05/ 2013.

RODRIGUES, Nelson. **O beijo no asfalto**. Estado??: Editora??. Ano.

SOUTO, Carla. **Nelson Rodrigues: o inferno de todos nós**. Araraquara, 2007. Junqueira Marin editores.

SOUZA, Marcos Francisco Pedrosa Sá Freire de. **Nelson Rodrigues inventário ilustrado e recepção crítica comentada dos escritores do anjo pornográfico**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

TOMAZ, Rogério. **Nelson Rodrigues: Literatura e Homoerotismo em O Beijo no Asfalto**. Curitiba: UFPR, 2011.

